A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

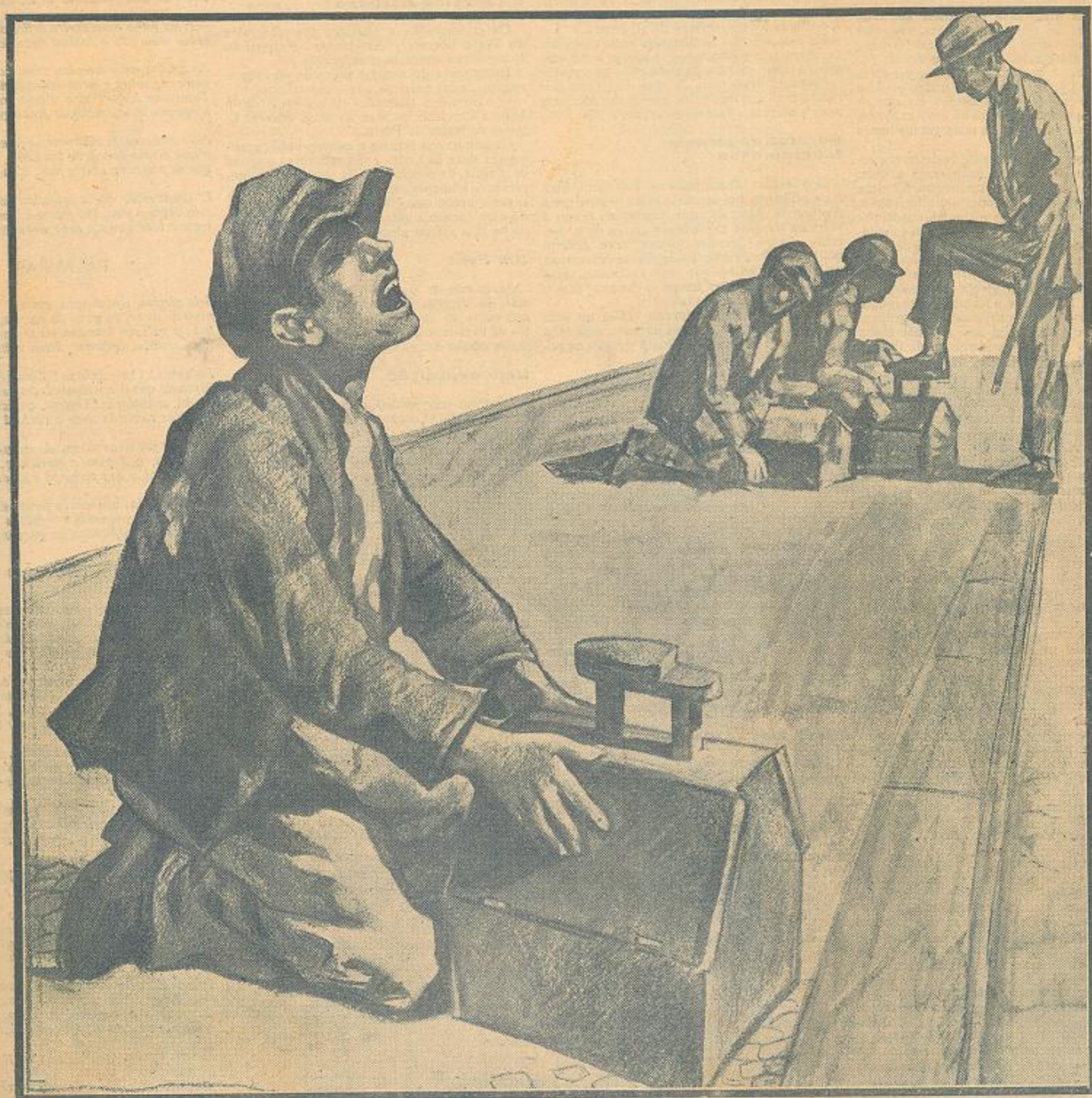
ANO II — NUMERO 60 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS – TEATROS SPORTS & AVENTURAS – CONSULTORIOS & UTILIDADES

O' GRAXA!

E' dos mais pitorescos tipos de Lisboa, o garoto que na valeta da rua estende o estabelecimento de dois palmos para nos embelezar os pés

LER DENTRO:

A deliciosa cronica de Feliciano Santos sobre "A BATALHA DE FLORES DO SR. DR. ALFREDO GUIZADO".

O DOMINGO ilustrado

ANO II N.º 60

LISBOA 7 DE MARÇO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

questão prévia

A O dr. Alfredo Guisado — Camara Municipal — Lisboa. — Meu presado amigo: Referem e repisam os jornaes, na lenta e insistente preparação que estas coisas requerem, a sua iniciativa duma batalha de flores, bombons e outros projecteis perfumados e açucarados, a realisar em Maio, na Avenida, á sombra amiga das olaias.

«E' uma ideia amavel, mais saída duma alma de poeta que dum pelouro municipal e que, parece, deveria encontrar entusiastico acolhimento no espirito aguerrido que domina esta epoca em que, por dá cá aquele poder, se travam em cada mês — para não dizer em cada dia — batalhas de flores de retorica, nas salas do Parlamento ou de granadas de sete e meio, nas ruas da cidade. No entanto, eu que circúlo entre a multidão tenho observado que a ideia da apoteose florida, que o meu amigo sonhou não aparece sequer nas discussões, em que os nossos compatriotas gostam de embrenhar-se, sobre os mais futeis ou os mais graves temas na ordem do dia.

«Não é para desanimar este desinteresse pelas coisas delicadas que embelezam a vida, porque nos está na massa do sangue. A beleza nunca teve na alma nacional um altar votivo, mas apenas um modesto nicho, alumiado por uma luzinha mortiça. Ainda que estas verdades pezem aos patriotas, que dum argueiro fazem facilmente um cavaleiro, nós somos uma nação mal apetrechada de Arte, apezar de ha muitos seculos termos vincado as nossas caracteristicas. Não é que a Natureza, que ignora as fronteiras e outras diferenças que agrupam os homens em nacionalidades, nos não tenha contemplado com o genio criador de Beleza, mas a hostilidade ambiente, adubada pela incultura geral, não tem permitido que nas Artes e nas Letras tenhamos marcado um lugar que nos dê direito a gabarmo-nos de povo ao menos curioso das coisas do espirito.

«Veja V., meu caro amigo, como neste avançado seculo XX ainda ninguem consegue, mesmo na capital do país, viver exclusivamente da pena ou dos pinceis, do cinzel ou da batuta, manifestamente por falta de interesse pela Beleza por parte da colectividade que nunca conseguiu criar, por que a não paga, a profissão artistica.

* * *

«Deve V. estar dizendo, cheio de razão, para consigo, ao lêr estas mal notadas regras: «Ora aqui está uma bela maneira de desanimar uma iniciativa»!

«Mas não, meu caro amigo e vereador, bem diferentes são os meus propositos, que se limitam a acautelar-lhe o exito.

«Se V. persistir em afrontar a indiferença, com que Lisboa acolhe as coisas belas, arrisca-se a vêr falhar o seu projecto, que na sua realisação se resumirá a meia duzia de automoveis de amigos e conhecidos, percorrendo a Avenida e trocando sem entusiasmo alguma rosa desmaiada.

«Se, porém, V. quizer despertar o interesse da cidade e dar á sua festa a animação duma farta concorrencia, terá de proceder capciosamente, pondo em jogo as formas usuais de interessar a população: o misterio, o boato, a mentira, emfim.

«Emquanto caladamente as fabricas de munições, que são os jardins que florescem sob a sua vara municipal, vão produzindo os projecteis, V. vai insinuando nas entrelinhas dos jornais e nas conversas dos cafés o vaguissimo boato de «acontecimentos graves, por todo o mês de Maio». Insista de vez em quando, em que os ares estão turvos. Depois, desvende um pouco do segrêdo, fazendo constar que a luta se travará entre todas as facções partidarias. Consegue, em seguida, reunião tempestuosa de dois congressos partidarios e uma ou duas notas oficiosas do governo, garantindo que a ordem está assegurada e que o presidente do ministerio está de posse de todo o segrêdo da couspiração. Finalmente; na madrugada do dia da batalha, faz postar na Rotunda uma bateria que, ao romper o sol, troque com o castelo de S. Jorge meia duzia de bouquets de violetas, de «sete e meio, pr'a acabar» e tem toda a Lisboa na Avenida a agredir-se com flores; cada nacionalista na ancia de acertar com uma rosa-chá no nariz dum democratico e os integralistas a baterem-se a chocolate com os seus correligionarios constitucionalistas.

«Se assim forem conduzidas as coisas, o entusiasmo será tal que chegaremos a vêr o sr. José Domingues dos Santos arrancar o cravo vermelho, que habitualmente lhe adorna a lapela, para o lançar, com um previo beijo nas petalas perfumadas, ao regaço do sr. Antonio Maria da Silva, que lhe retribuirá o galanteio com uma delicada orquidea, flôr essencialmente conservadôra.

«Se entre si os bachar is dessem conselhos, era este o conselho que lhe daria, para o perfeito exito da sua batalha de flores, o seu *amicus certus inre incerta.*

Feliciano Santos

ECOS & COMENTARIOS

Outro mundo

Viemos hontem no rapido do Porto com uma companhia divertida. Eram quatro homens de negocio, que passaram o caminho a discutir entre arrotos e escarros no chão, a venda opulenta de cascos de alcool e de «tambores» de azeite ou de vinho.

Cruzaram o ar, na nossa frente, ofertas arrojadas para vinho abafado e disputas energicas sobre gráus de acidez. As dezenas de contos, de «kilos», como eles diziam, chocaram-se violentamente como apostrofes. Depois discutiram marcas de automovel — que todos tinham — como se fossem marcas de cigarros...

Eu pensei então na distancia entre esses reis de mercearia e de taberna, e nós proprio, magro passaro pelintra de redacção — espectador esfomeado dessa vida de que eles tanto mal dizem, mas que lhes corre, apezar de tudo, bem mais generosa e favoravel do que a nós...

Garotos de jornais tuberculosos

O «Seculo» organisou no Politeama uma festa brilhante. Foi um belo exito pessoal para Avelino de Almeida, que conseguiu reunir a volta da atraente publicidade amiga de o «Seculo» alguns grandes nomes, teve decerto muito trabalho, embora dispozesse desse iman poderoso, trabalho que nós avaliamos, pois ainda ha bem pouco tempo o tivemos, sem o iman, para um fim identico.

A festa no entanto deveria talvez ter sido realizada antes por aqueles jornais... cuja falta de leitores tuberculisa no inutil pregão os pobres vendedores...

Retrozaria Chic Tudo baratinho

Numa das ruas do Bairro Alto, em pleno coração do bairro poz-se ha tempos uma capelista num vão de escada imundo. Como o homenzinho que estava «á testa do estabelecimento» era amavel e sorridente, foi conseguindo vender o seu tostão de agulhas e o seu carrinho J. P. C.

Seis mezes depois o homenzinho pintava de novo a modesta armação da loja, comprava uns entremeios vistosos para pendurar e punha a letras repenicadas na moldura da casa: «Retrozaria Chic» «Tudo baratinho». E mais abaixo: «Dernier cri de la mode».

Oh! Santo povo este — que tudo imitas e tudo macaqueias!

Desde a «Retrozaria Chic» que era antigamente: «Tabacos e artigos de capela», até á torpe politica — de que reles imitação e de que ridiculas mistificações nos rotulamos a pobre vida do nosso tempo!

No Porto

Leitão de Barros, nosso querido director, irá na proxima segunda quinzena de Março ao Porto realizar naquela cidade o seu certamen de Arte.

As exposições deste artista, que pela variedade dos assuntos expostos, e pelos seus processos de arte, tão cheios de exito costumam ser, marcam sempre alguma «étape» na evolução da sua fórma.

A Leitão de Barros desejamos um exito mais a acrescentar na sua brilhante carreira.

Arnaldo Leite e Carvalho Barboza

Os consagrados e queridos comediógrafos do Porto tiveram recentemente na capital do Norte a sua merecida consagração.

Recortamos do numero unico de «A Homenagem», estas palavras que ali inserimos:

O «Domingo Ilustrado» sauda em Arnaldo Leite e Carvalho Barboza as duas maiores figuras de teatro do Porto.

Os admiraveis artistas a quem o publico português deve já tantas e tão saborosas paginas de alegria, de mocidade e de ternura, bem merecem a homenagem que agora lhes prestam, como o preito que é devido a quem, aligeirando num sorriso a vida pesada, espalha em torno de si, a salutar alegria de existir.

Um livro

Acabamos de receber o novo livro «Renuncia», de Virginia Victorino. A grande poetisa, que conta as suas obras pelos maiores exitos de livraria, esgotou em algumas horas a primeira edição da sua obra.

Uma exposição

Continua concorridissima tendo marcado um exito formidavel, a exposição do notavel artista portuense Joaquim Lopes, cujos trabalhos assombraram pela tecnica moderna e forte. A exposição encerra-se brevemente. Ali têm acorrido os melhores nomes da alta mentalidade lisboeta.

Um cego que vê

Rarissimas vezes um livro tem obtido tanto exito de venda como o que o nosso querido chefe de redação Henrique Roldão acaba de pôr á venda com o titulo «O Cego da Bôa-Vista». Aproposito transcrevemos do nosso colega «O Seculo» as seguintes palavras:

«Henrique Roldão é um escritor humorista a quem os ridiculos de certos meios e o comico de determinadas situações, servem á maravilha para escrever paginas de prosa fluente e risonha, capazes de fazer rir o leitor mais sorumbatico mas que encerram no fundo, belos conceitos de critica social.

Não abundam entre nós, os contista do verbo ironico e Henrique Roldão entre os raros avulta.»

—Que trabalho tão mal feito!
—Eu sempre disse que aquele gajo não era nenhum fura paredes...

—Onde nasceu você?
—Em Lisbôa!
—Ah! Tem graça! E eu a julgar que você era preto...

RENUNCIA

Virginia Vitorino, a delicada poetiza de *Namorados*, acaba de publicar o seu terceiro livro de versos.

Do valor do interessante volume, o leitor ajuizará pelos sonetos que publicamos extraidos do belo livro.

SUAVIDADE

Foi n'um dia tranquillo de horas suaves,
que o teu olhar prendeu a minha vida!
—E na velha amendoeira reflorida
subiu mais alto o cantico das aves...

As nuvens eram templos, eram naves
pairando sobre a terra adormecida...
Tocava ao longe o sino d'uma ermida,
tangendo uma oração de notas graves.

Não deixavas de olhar-me; e fiquei presa
n'esse divino poema de tristeza
que eu presentia aberto para mim!

E' desde então que o seu olhar saudoso
cahe sobre o meu, tão fresco e luminoso,
como o luar quando cahe sobre um jardim...

PALAVRAS

Seja alegria, seja magua, ciume,
pena de amor, ou grito de revolta,
tudo a palavra humana em si resume;
tudo arrasta, suspenso, á tua volta!

Palavras! Ceu e inferno! Cinza e lume!
Mysterio que a nossa alma traz envolta!
Umas, consolação! Outras, queixume...
—Todas correndo como o vento á solta!

Tudo as palavras dizem. A verdade,
a mentira, a doçura, a crueldade...
Mas afinal, o que perturba e espanta,

é o drama das que nunca foram ditas
das palavras pequenas e infinitas
que morrem suffocadas na garganta!

OBSTINAÇÃO

Antes eu resistisse; antes não fosse
tão longe a exaltação do meu desejo!
Quiz um amor sincero, calmo e doce;
tive-o tão perto, e tão distante o vejo!

Passa agora por mim, como um cortejo
de sombras e saudades... Apagou-se
a nota musical do ultimo beijo...
—E aquelle amor só duvidas me trouxe!

Foste. Não voltarás. No entanto, calma,
se penso em ti, descubro na minh'alma
que já não te pertenço nem te quero.

Não voltas. Sem um grito, sem barulho,
vou suffreando em lagrimas o orgulho
e embora saiba que não vens... espero!

A ROSA DA FRUCTA

Mal o bairro desperta, rumoroso
já ella, á porta, a longa trança ennastra!
E eil-a a caminho, sem que o busto airoso
lhe vergue nunca ao peso da canastra.

Passa. E cheira a pomar... Ao sol glorioso,
cada braço é uma fulgida pilastra!
Como um sino cantando sem repouso
o pregão sobe no ar, fluctua e alastra...

Pára a vender. Quem d'ella se approxime
logo presente a audacia resoluta
d'aquelle corpo fragil como um vime;

chega a pensar, quando o seu riso escuta,
se a summarenta graça que elle exprime
não morrerá de inveja a propria fructa...

Virginia Victorino

O DOMINGO ilustrado

HUMORISMO

crónica alegre

BIGODE E PÊRA

De todos os tempos o desenvolvimento facial do sistema piloso foi apanagio quasi exclusivo do sexo a que as mulheres por condescencia chamam forte. Era talvez por isso um significado de força. Ha em francez um alexandrino celebre e muito citado pelos senhores com barba por fazer:

Du coté de la barbe est la toute poussance.

Quem tinha barbas mandava. Quem tinha barba tinha vergonha, etc.

Ora, segundo leio em gazeta de toda a confiança, varios sabios descobriram que o facto das mulheres cortarem a

meudo o cabelo terá como consequencia as filhas de Eva verem brevemente desenvolver-se lhes no rosto aquela barba e aquele bigode que até hoje foram sempre o orgulho e o principal sinal distintivo dos homens. Dentro de dez ou quinze anos, a persistirem no habito de se tosquiarem, as mulheres terão que rapar o bigode e fazer a barba, a não ser que prefiram usa-los crescidos.

Não vejo uma razão urgente de eu falecer dentro destes tres lustres mais proximos. Portanto, não hei-de fechar os olhos sem ver as minhas contemporaneas, que hoje correm a refrescar a nuca e a ondular as reduzidas madeixas, pegarem todas as manhãs no pincel e no sabão e passarem pelo rosto a lamina cariciosa duma gilette.

Os dialogos de amôr terão, nessa altura, um certo pitoresco.

—«O' filha! Não fizeste hoje a barba. Crédo! Nem sei o que pareces.

Um amigo dirá a outro:

—«Vês aquela pequena de bigode á americana?» Ando maluco por ela.

As amigas conversando entre si:

—«Então a D. Aurora deixou crescer barba á Guise?

—«Que quere? E' para fazer a vontade ao meu Liborio.

Veremos senhoras desiludidas e filosofas deixarem a barba toda e as benzanimas de quinze anos irem todas as manhãs ao espelho verificarem se o buço lhes cresceu durante a noite.

E' muito possivel que, durante o tempo em que as mulheres se forem enchendo de barbas, venha para os homens a moda de deixarem crescer as tranças. Possivel é que se dê a consequencia inversa e que, quando usemos carrapito no alto da cabeça a barba nos desapareça e se nos suma o bigode. E, então, quando de cabeleira solta, roçarmos a nossa face macia pelo rosto peludo das nossas amadas, chegar-nos-á o momento de ouvirmos:

—«Ai! Aniceto! Tens uma pele tão fina e um cabelo tão bonito»!

A BALANÇA DE THEMIS

O meu velho e sempre moço amigo José Valentim da Cunha e Costa, levantou na Associação dos Advogados, o seu protesto contra o facto, de ter sido apreendida uma correspondencia, que de qualquer modo servia á defesa do director do Banco Emissor Angola e Metropole.

Os colegas de Cunha e Costa, associaram-se apoz larga discussão ao protesto. Houve, porêm, um incidente curioso. A certa altura, alguem—creio que o presidente da assembleia—declarou, não se solidarisar com o seu colega, emquanto este fosse advogado de tão ruim causa e, disse mais que só aceitaria a defesa de certos constituintes, se, fosse nomeado oficialmente ou se eles fossem absolutamente destituidos de recursos.

Apesar dos que insistem em crer que nunca ha nada de novo sob o sol que

nos ilumina e aquece, ha que notar a novidade desta teoria.

Pois quê? D'hoje em diante os advogados só se encarregariam de defender os que tem razão e os inocentes? E então os outros? Eu estava convencido de que a razão de existir dos advogados era uma e unica simplesmente: a de procurar nos codigos e nas suas chicanas de interpretação a maneira de livrar o mais possivel aqueles que não teem desculpa nenhuma evidente. Cada dia somos informados que um demandante a quem toda a justiça assistia perdeu o seu pleito, porque o advogado da parte contraria soube compensar pela sua eloquencia e pelo fogo de artificio dos seus argumentos, a falta de razão do seu constituinte.

Sei muito bem que tem sucedido a criminosos não encontrarem advogados ou, por outra, não terem conseguido aqueles que desejavam. Ora, se examinarmos bem esses casos, verificaremos quasi sempre que se deram os seguintes casos:

1.º—O reu não tem vintem.

2.º—A causa era, evidentemente tão má que o advogado não podia tirar dela fosse o que fosse, nem mesmo notariedade (Landru recebeu propostas de duzentos e tantos advogados para o defenderem).

Alves dos Reis, se não tivesse con-

fiado a Cunha e Costa o encargo da sua defeza, não teria senão o embaraço da escolha. Excepção feita ao presidente da assembleia a que fiz referencia, creio que nenhum outro advogado portuguez se recusaria a tomar parte na discussão duma causa tão interessante debaixo de todos os pontos de vista.

A PROPOSITO DE BATOTA

Porque se dispararam uns tiros numa casa de batota e um italiano se encontrou—muito tolamente a meu ver—na trajectoria d'algumas balas, a policia tem reprimido estes dias, pela duocentecima segunda vez o jogo.

A proposito vem recordar uma scena que me contaram um dia:

Numa tavolagem elegante, a uma mêsa de monte, levantou-se uma discussão entre dois pontos:

—«Essa parada é minha.

—«Esta? Está enganado.

—«O meu amigo anda aos montes.

—«Aos montes anda você. E suéte o seu «carrinho» quando calha.

—«Não querem lá ver o pulha!

—«Pulha e canalha é você. Gatunos da sua laia nunca deviam aqui entrar...

—«Eu parto-lhe a cara, seu safardana!

Nisto o banqueiro, com a maior serenidade, interveiu:

—«Então, meus senhores! Estamos aqui para conversar ou para tratar da vida?

A QUESTÃO SOCIAL

Ha tempos, num botequim, um grupo d'operarios discutia acaloradamente. Perto estava um militar fardado.

Um dos oradores, exaltadissimo, a certa altura increpou o filho de Marte:

—«Você, se lhe dessem ordem de disparar sobre o povo, que fazia?

O militar respondeu sem hesitar:

—«Eu! Nada.

Fizeram-lhe uma ovação e mandaram-se encher os copos todos. O militar bebeu o seu e explicou:

—«E' preciso tambem dizer uma coisa. E' que eu sou da musica.

ALGUNS PEQUENOS PENSAMENTOS

As pessoas que dizem só o que pensam, dizem quasi sempre coisas desagradaveis.

* * *

O dinheiro não dá a felicidade; mas na maior parte dos casos, fornece-nos os meios de comprarmos o genero de infelicidade que mais nos apeteça.

* * *

O homem nunca deve dizer:—«Farei isto amanhã, se Deus quizer» sem pedir primeiro licença á mulher.

* * *

Dos vinhos insipidos faz-se muita vez um vinagre aceitavel. Dos escritores falhados saem por vezes criticos toleraveis.

ANDRÉ BRUN

—O meu noivo é otimista!
—Como sabes?
—Porque diz que as minhas joias valem cincoenta contos!

A MULHER.—Mas onde demonio vais tu com um vestido meu?
O MARIDO.—Preciso de ir cortar o cabelo e tenho vergonha de ir ao barbeiro vestido de homem!

Curiosidades

DE BAIXO DA TERRA

Tomaz Davies, um mineiro de Porth, trabalha no interior da terra, ha setenta e trez anos seguidos.

FALTAS QUE DÃO A MORTE

Um homem pode morrer por falta de sono em dez dias; por falta de agua, n'uma semana; por falta de alimento em trinta dias.

A CARNE EM LONDRES

Se os bois que se consomem em Londres entrassem vivos para a cidade, entraria um por cada dois segundos, durante todo o ano.

O SAXOFONE

O «Jazz-band» teve o condão de atirar com o saxofone para um logar de grande relevo. O primeiro d'estes instrumentos, foi inventado por Antonio Joseph, musico belga, em 1843.

O CRESCIMENTO DOS CROCODILOS

Os crocodilos crescem rapidamente durante os primeiros tres anos de vida. Depois dessa edade crescem uma polegada por ano.

A MAIOR FLÔR DO MUNDO

Chama-se «Rafflesia Arnoldi» e cria-se em Sumatra. Tem um metro de diametro.

A MARCHA DOS CAMELOS

Um camelo carregado pode andar trinta e oito kilometros por dia. Sem carga, anda de noventa a cento e trinta e cinco.

EM NOME DA PAZ

«Colorado», um dos maiores navios de guerra dos Estados Unidos da America do Norte, possue artilharia que pode disparar granadas de uma tonelada e que alcançam vinte milhas.

O SOL E A AGUA

Os raios de sol penetram atravez a agua clara, numa profundidade de mil e quinhentos pés.

AS CASAS DE LONDRES

De 1919 a 1925 construiram-se em Londres duzentos mil predios de habitação.

OS CIGARROS QUE SE FUMAM

Só uma fabrica do Cairo fabrica por dia 11 milhões de cigarros, exportando diariamente, quatro milhões de caixinhas com esses cigarros, para todas as partes do mundo.

As Perolas

De onde veem e como se conseguem

Essas pequeninas lagrimas de cubiça que são para as mulheres objecto de mil e um sonhos, gotas preciosas que teem feito assassinos, e são, sobre o veludo baço das montras, a tentação enorme que faz arfar os seios de ansiedade e crispar as mãos de raiva, pedacinhos de luz que dominam paixões e fazem nascer audacias, que tornam escravo o coração mais rebelde e fazem nossa a boca mais honesta, eterno poder, universal tirania de sempre, as perolas, nascem sob as aguas maravilhosas do mar, lá onde o homem, de quando em quando, desce a arriscar a vida, em holocausto á vaidade humana e á cubiça do mundo.

«Ostra perlifera», chama a sciencia ao berço onde nasce a perola, e é um molusco identico á ostra vulgar, que habitualmente comemos.

Nas ilhas oceanicas de Tahiti, Nova Zelandia, Oceano Indico, e no Mar Roxo, na Australia, na costa meredional da India e, sobre tudo, no Golfo Persico, no grupo chamado de Bahrein, é que vivem essas ostras que, em epocas determinadas os homens procuram, nibelungos do mar, procurando o grande tesouro que a escuridão oculta.

Atado pela cintura, uma pedra aos pés para que o peso o leve ao fundo, o homem atira-se á agua levando nos dentes uma lamina afiada.

Violentamente, vae atravessando as grandes camadas da agua até que, n'um choque forte, cae sobre o fundo submarino, arrastado pela pedra. Então começa a grande luta nas trevas:

Peixes enormes tentam afrontar o subito inimigo que aparece, moluscos gigantes que nunca viram a luz, tomam atitudes hostis, verdadeiras florestas de plantas espinhosas, abrem chagas no corpo do audaz mergulhador, e, arrastando-se na areia, um arpão enorme de animal desconhecido ou um tentaculo de polvo formidavel, tenta agarrar o atrevido que vem quebrar aquele silencio de milhões de seculos.

O denodado mergulhador, se perde um segundo, jamais volta a ver a luz do sol. N'um gesto rapido, sacudido, como um relampago, tateia, acha a ostra, arranca-a á rocha com o auxilio da lamina, corta de um golpe certeiro a corda que lhe prende os pés á pedra e parte vertiginosamente, n'um esforço brutal de rins, nadando, para a superficie.

Dois, trez minutos, mais um e será a morte, a morte horrivel que o espreita, de entre a agua, de entre as plantas fibrosas que o podem enlear, nos dentes afilados dos monstros que se arrastam nas diversas camadas submarinas.

Por fim, um braço surge, empunhando um pedaço de algas. Ha um espadanar forte de agua e o homem é tirado á raiva do mar. Cae desfalecido pelo esforço gigante, sobre o convez do navio.

Os dedos crispados pela febre, apertam como um tesouro, coberto de limos, ainda com areia, a pequena ostra onde se esconde a perola, essa pequenina gota de cubiça porque arriscou a vida e que, mais tarde, sobre a brancura extranha de um colo, passará indiferente entre os gritos da civilisação, alheia ao perigo de tão negra morte que custou o ir buscal-a á misteriosa profundidade do mar desconhecido...

EXPOSIÇÕES

Joaquim Lopes

Joaquim Lopes, o notavel artista do Porto, a quem já nos referimos noutro local, e actualmente apresenta os seus belos trabalhos na Sociedade Nacional de Belas Artes.

* * *

Realiza-se em Abril proximo o Salão anual da Sociedade Nacional de Belas Artes, esperando-se que a este certamen concorram bastantes artistas, não só dos consagrados como dos novos, o que augmentará o interesse do nosso «Salon».

* * *

Deve realizar-se em Lisboa, por ocasião das festas de Maio, uma curiosa exposição de Belas Artes, em moldes inteiramente novos.

A MAIOR FIGUEIRA

A figueira maior de toda a Europa ocidental é, sem duvida, a que ha no jardim de um convento de franciscanos em Roscof (França)

Para lhe suportar os ramos foi preciso armar-se uma especie de andaime, que a envolve toda, e debaixo da sua copa podem abrigar-se mais de duzentas pessoas.

A FORÇA DOS BRAÇOS

Cincoenta e um por cento dos homens teem mais força no braço direito que no esquerdo, e este é mais forte que aquele em trinta e tres casos de cada cem. O resto, até completar o numero total, tem egual força em ambos os braços.

UM RELOGIO DE COMER...

Em Milão ha um relogio feito de pão. Dizem que foi feito por um indio e que levou três anos a fabricar aquela curiosidade. O relogio é de respeitavel tamanho e ha quem afirme que regula bem.

A «MÁ SOMBRA» DA OPALA

Apesar da opala ser uma pedra bonita e de tão agradaveis irisações, poucas damas se atrevem a usar entre as suas joias e nos seus adereços uma pedra, que tem fama de dar má sombra. Porque a opala, segundo crença antiga é de mau agouro.

Essa crença data do seculo XVI. Ha trez seculos, que uma terrivel peste invadiu e assolou a Italia. Em Veneza observou-se que ao ser atacada de peste qualquer pessoa, em cujos aneis houvesse alguma opala, esta adquiria um brilho intensissimo, á medida que a febre augmentava. Peorava o doente e a pedra empalidecia gradualmente, até extinguir-se todo o seu brilho ao perder a vida o empestado.

As pessoas ignorantes atribuiam, então, á opala uma malignidade misteriosa e terrivel: um verdadeiro «mau olhado», que atrahia a peste. E todos quantos possuiam joias adornadas com opalas, venderam-as por baixos preços.

A ninguem ocorreu, então, o que hoje toda a gente sabe: que as pedras preciosas estão sujeitas ás alterações febris das pessoas que as trazem, e que se «lhes pegam» todas as doenças da pele.

A IDADE DAS PEREIRAS

A longevidade das pereiras é assombrosa. Ha muitas arvores d'este genero, que duram mais de trezentos anos, fructificando,

A sua vida é muito mais duradoura que a das macieiras, as quaes raras vezes passam dos cem a cento e cincoenta anos de existencia.

A pereira cresce tambem muito mais que a macieira. Ha arvores de seis seculos, que teem dimensões enormes.

Manual do Perfeito Homem de Teatro

á sucapa...

Ilda Stichini

A gloriosa actriz Stichini que tem feito, com Rafael Marques, uma «tournée» brilhantissima por todo o paiz deve chegar a Lisboa por estes dias.

A antiga e eminente societaria do Nacional vai fazer no Apolo uma passagem rapida do velho reportorio que ainda hoje prende tanto a atenção das plateias populares. Diz-se que «reprisará» *O Martir do Calvario* para a Semana Santa, devendo depois fazer a deliciosa comedia franceza.—«Se eu quizer...» Sabido o exito e a simpatia com que são acolhidos os cartazes que tem á cabeça a fulgurante artista, é de crer no Apolo um fim de epoca brilhante e feliz.

A' passagem de Ilda Stichini pelos teatros de Estremoz e de Torres foram afixadas por comissões locais lapides á grande artista.

Um grande exito no Gymnasio

A companhia Gil Ferreira acaba de pôr em scena a peça «Banco»! de Alfred Savoir, com um exito formidavel —talvez o maior exito da temporada. E' com alegria que o registamos.

Realmente o espectaculo do Gymnasio é em tudo digno duma primeira capital, e nós que marcamos desapiedadamente o bom e o mau, devemos regista-lo. Para o exito contribuiu alem da representação que é do melhor que se faz, aqui e no estrangeiro, a adaptação portuguesa que é modelar e escripta por quem, como José Sarmento, possue uma larguissima experiencia de teatro e uma categoria que lhe permitiram a transplantação perfeita da linda comedia franceza.

Toda a montagem foi dirigida, com um exito que unanimemente a critica assignalou, por Leitão de Barros.

Os scenarios foram feitos sobre «maquettes» deste artista e pintados por ele proprio de calaboração com os scenografos Luz e Almeida.

SALÃO FOZ

VARIEDADES E CINEMA

BOA MUSICA

OPTIMOS ARTISTAS

A melhor casa de espectaculos de Lisboa

Olimpia

Sempre as ultimas novidades em cinematografia.

II

A ARTE DE SER AUCTOR

Os auctores dividem-se em varias especies, a saber:

COMEDIOGRAFO
AUCTOR DRAMATICO
DRAMATURGO
REVISTEIRO
TRADUCTOR
CARLOS FERREIRA

Comediografo é o homem que faz comedias. Auctor dramatico o que faz dramas regionaes; dramaturgo o que faz peças historicas, revisteiro o que ganha dinheiro, traductor o que é empregado nos jornaes e Carlos Ferreira, o que tem sempre *muitos 'speças.*

Para se ser comediografo, é preciso ter graça, animal de muita raridade e, por essa razão, sem grande merecimento no entender das outras especies.

Para se ser auctor-dramatico, pega-se em duas mulheres vestidas á moda do Minho, num fidalgo, numa mulher enganada, numa bruxa, aleijado ou qualquer outro doente, num padre, num muito bom rapaz, numa cantiga, divide-se todos em tres actos e impingem-se no Nacional.

Para se ser dramaturgo, pega-se num molho de versos alexandrinos (ou parecidos), numa ingenua, num homem valente, num safardana, quinze fidalgos da côrte, oito damas de honor, um bôbo filosofo que dá gargalhadas que acabam em choro e em dois alguidares de sangue portuguez, caravelas, chagas de Cristo, bandeiras, alabardas e demais objectos de decoração oratoria.

Divide-se tudo em quatro actos e monta-se nos começos de epoca, para as empresas terem tempo de se salvarem da *perdiz.*

Para se ser revisteiro, pega-se numa data de scenario e guarda-roupa, numa vedeta, duas duzias de coristas, faz-se uma viagem e reforça-se a claque.

Dividem-se em dois actos e dá-se em qualquer teatro com a certeza de se ganhar dinheiro.

Para se ser traductor vai-se ao camarim do emprezario, tratam-se os actores por tu e arranja-se para se ser critico de um jornal.

Para se ser Carlos Ferreira, escrevem-se muitas cartas para Hespanha pedindo autorização para privilegios de escangalhamentos, e vae-se levando a agua ao moinho sem se querer saber de nada.

«Colaboração» chama-se a ter o nome no cartaz ao lado da pessoa que emenda os erros, põe graça, fantasia, dá as ideias, trabalha, mas precisa de ganhar a vida.

Ser «bom auctor» quer dizer, fazer peças que dão dinheiro, embora a critica diga que não prestam.

Ser «auctor infeliz» quer dizer fazer peças que não dão vintem embora a critica diga que são obras de genio.

O inimigo do auctor chama-se *première* e é o *sitio* onde vão os entendidos que operam da seguinte maneira:

Se é tradução, é uma beleza; se é original é uma pena ir até ao fim.

O auctor recebe *direitos*, dinheiro que as empresas em geral lastimam porque é pago sem favor e teem a decima quinta representação para ele, só com a despeza da noite. Ha porem empresas que esperam essa representação para fazerem todas as compras possiveis.

A especie geral divide-se em duas falanges:

O auctor que faz peças para ganhar dinheiro.

O auctor que faz peças para ser falado.

O primeiro regateia os direitos e quer tudo muito explicado. O segundo oferece os senarios, dá bon-bons ás actrizes e caixas de charutos ás empresas. Dos ultimos é rara a peça que dá algum dinheiro.

Entre todas as classes ha ainda uma terceira: «Auctor das coisas dos outros».

Para se ser auctor das coisas dos outros, vae-se para o café dizer que a ideia d'aquela peça lhe foi roubada, que aquele dito é d'ele, que a outra scena foi por ele inventada, etc., etc....

Quando um auctor, mesmo á força, não consegue que as suas peças agradem, deixa a arte e faz-se critico, passando a dizer aos outros como se fazem peças perfeitas.

TREMIDINHO

No proximo numero: A ARTE DE SER ACTRIZ

á sucapa...

O Comicio do Teatro Avenida

Não sabemos se o sr. Afonso Gaio, lê o *Domingo Ilustrado*, é de crêr mesmo que o não leia, por isso, não julgamos que podesse ter havido sugestão, mas, tendo nós aqui escrito no nosso numero anterior que «haverá muita afirmação, muito protesto, mas a verdade é que não nos parece que se diga» S. Ex.ª fechou d'esta maneira as suas razões no comicio: Que grande de poder de imaginação é preciso, para não se dizer a verdade».

Apraz-nos registar que, n'estas coisas de comicios, Teatros Nacionaes e projectos, estamos todos de acordo..

Noite de Augusto Rosa

Damos a seguir o apanhado geral das contas do espectaculo brilhantissimo, que com este titulo promovemos, no Teatro S. Luiz.

As despesas que foram grandes, não se podem considerar exageradas, se atendermos ao cunho elegantissimo e invulgarmente luxuoso que quizemos imprimir áquela festa, não as regateando.

De facto, a nossa preocupação foi sempre fazer uma grande noite de deslumbramento e arte, como fizemos, e não um espectaculo de pura beneficencia, que seria talhado noutros moldes.

No entanto tendo o producto liquido entrado nos cofres deste jornal será integralmente empregado numa simpatica obra de beneficencia que num dos proximos numeros o publico a juizará.

Rendimento da bilheteira		19.396$00
Folha de companhia, diaria e despezas varias	7.288$90	
Montagens de cinco actos diferentes . . .	3.870$00	
Despezas da Revista «De Teatro»	812$00	
Publicidade de imprensa.	700$00	
Transportes (durante organisação) de artistas e demais pessoal . .	1.201$00	
Direitos da peça Leonor Teles	150$00	
Despezas de organisação, gratificações, etc.	691$70	
Cartazes e propaganda	570$00	
	15$283$60	
Entregue á Revista «De Teatro»	2.056$20	
Em caixa «Domingo Ilustrado»	2.056$20	
	19.396$00	19.396$00

Teatro Maria Vitoria

HOJE A APLAUDIDA REVISTA

FOOT-BALL

O maior sucesso da actualidade

S. Luiz — Companhia de opera «Madame Butterfly».

Gymnasio — «Banca á Gloria» com Palmira Bastos e Gil Ferreira

Avenida — Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos Henrique Roldão.

Politeama — Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, «Não te melindres Beatriz».

Eden — «Fungágá» grandiosa revista, com Laura Costa.

Trindade — A grande companhia de Velasco: «A revista das Revistas».

Apolo — Brevemente «Ilda Stichini—Rafael Marques».

Coliseu — As ultimas novidades da grande companhia

O DOMINGO Ilustrado

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

O O' Graxa Sport-Club

Pequenina historia, das muitas que nascem e morrem nas valetas das ruas de Lisboa.

O «Azelha», como por alcunha era conhecido entre os da porta do «Martinho», só tinha uma grande aspiração! Para os seus doze anos de garoto lisboeta, afeito a ganhar o pão de cada dia, lésto e sabido, se era preciso empregar a manha para «caçar» a «beata» ao freguez, espertalhão e zaragateiro se os colegas se metiam á frente, a estender a traquitana de engraxar, só um enorme sonho o embalava e fazia correr os perigos: Ser um valente jogador de «foot-ball», um «internacional» de qualquer primeiro Club, com o retrato nas capas das revistas, o nome gritado pela multidão dos desafios, ser levado em triumfo quando pregasse as 3 a 0 contra as redes de Zamora!

E quantas vezes, á hora triste da tarde, alheio ao bulicio do largo, sentado na caixa de engraxar, o queixo fincado violentamente na palma da mão, se punha para ali a pensar, a pensar...

Cada «shoot» varava o campo de lado a lado, e «cabeças»? rapazes, que bola que lhe viesse feita, era «goal» garantido! Depois enganava as «defesas» e ele ahi ia... corrida de gamo, pé lesto e certeiro e quando «ele» se punha a querer defender as redes, um pontapé valente, e a bola lá ficava anichada! E depois, os outros, todos n'uma algazarra, a dar palmas e a gritarem:

—E' «Azelha»!

– Viva o «Azelha»!

—E' grande «Azelha»!

Ser «internacional» que até os jornaes lá de fóra haviam de falar! Nada que como ele nem mais cinco dos melhores, todos juntos!

—O' graxa! O' graxa!

E o «Azelha» deixava o seu belo sonho e lá ia de carreira, gritar a quem passava:

—O' graxa! O' graxa!

* * *

Tinha lá aquela fisgada! Tostão hoje, tostão amanhã, havia de arranjar dinheiro para comprar a bola!

E a todas as ocasiões que apareciam para ganhar dinheiro, o «Azelha» sentia uma alegria enorme dentro de si. Um freguez queria um recado? A caixa ficava a guardar na porta, e ele lá ia a correr, a estafar-se para que o freguez desse as duas «coroas» prometidas.

Raio, que agora sem chuva, já não aparecia tanta gente a querer as botas limpas!

E o «Azelha», já noite velha, engulido o caldo escuro que a mãe lhe dava, ia encafuar-se no sotão onde dormia, e contava o dinheiro: Já seis mil e duzentos, em notas muito direitinhas que tirava de entre a camisa e a pele:

—Ainda falta tanto! E se a «velha» dá por isto é capaz de me «bifar» a massa!

E dormia, estendido sobre a enxerga que cheirava a bafio e tinha grandes nódoas cor de ferrugem que pareciam remendos, a mão a segurar o maço das notas, não fosse a mãe desconfiar e apanhal-o a dormir...

* * *

Foi sobre a arcada do Teatro Nacional que o «Azelha» expoz o seu plano á rapaziada:

—O «Beatas» vae para «guarda-redes», tu ó «Gimbras», já sabes, vaes para avançado-centro!

—Olha! Para avançado... eu quero ir para a «defesa»!

—Não senhor! A bola é minha e eu que mando!

—Então quem vae para «baks»?

—Vai o «Cospe» e o «Palhinhas»!

—E eu, e eu?

—Você vae para a «ponta-esquerda»!

—Está bem!

—Mas ó «Azelha»! E onde é que está a bola?

—Isso agora é segredo! A gente arranja o «team» a manda-se um desafio aos «gajos» da porta da «Brazileira»

... dera uma volta pela porta do «Martinho».

—Fixe!

—Depois a gente vence-os e para o ano entramos na segunda divisão!

—Catita!

—O' graxa! O' graxa!

E todo o grupo partiu como uma revoada de pardaes, direito a um automovel que parava á porta do café e donde se apeava um grupo.

Tinham escolhido o campo de Santa Justa...

* * *

Havia meia hora que o «Azelha» esperava que abrisse a loja. Dez tostões ganhos na vespera, tinham feito a conta precisa para a bola, aquela que estava pendurada na montra, com as letras da fabrica.

O «Azelha» quiz ver bem o que comprava! Nada que aquilo tinha custado a ganhar!

Deu-se ares de entendido e quando saiu a porta com a bola escondida debaixo do casaco, estava convencido que o homem não vendêra a bola a qualquer um.

Meteu a correr direito ao Crucifixo. Rua só, pouca gente, ali já podia dar um pontapé. E quando viu a esfera poisada no chão, como uma mancha amarela, ali, ao seu dispor, muito «sua», os olhos brilharam-lhe mais. Até que emfim tinha ali o seu sonho, muito seu, pois então!

Agora sim, que já não lh'a podiam tirar! E quando a rapaziada soubesse?! Isso é que ia ser!

* * *

No dia seguinte, quando ao tornar para casa entregou apenas vinte e cinco tostões á mãe, e recebeu duas bofetadas bem puxadas, só sentiu escorrerem-lhe as lagrimas quando sobre a enxerga sentiu a «sua» bola entre a palha moida.

Todo aquele dia fôra de «treino» no Parque Eduardo VII, ele e o seu «team», de sorte que só á pressa, com os pés a estoirar de dores, os rins derriados, deu uma volta pelos cafés a gritar!

—O' graxa! O' graxa!

Mas no dia seguinte era o desafio, o grande encontro com os taes da porta da «Brazileira»! Tinham escolhido o Largo de Santa Justa por ser pouco frequentado.

Como era dia de andar a roda, e havia de ir buscar a «lista» que saía ás duas, o desafio fôra marcado para o meio dia. Tinha a certeza que o seu «team» havia de ganhar por uma data deles a zero! Pois então! O «Gimbras» estava catita nos «mergulhos», o «Palhinhas» era danado, e ele... ele fizera um figurão no treino!

* * *

—Mostra lá a bóla, ó «Azelha»!

—Parece que não está bem cheia!

—Olha, olha, já está esfolada!

—Foi o «Cóspe», hontem!

E em volta do «Azelha» junto do quiosque, tudo era alvoroço.

Já tinha dado meio dia e o «Surdo» sem aparecer! E fazia falta, o raio, para o trio central! Os «gajos» da «Brazileira» deviam estar a chegar...

—E' «Surdo»! E' «Surdo»! Agora é que apareces!?

—Então!? O meu pae quiz que eu fosse á Ribeira levar o almoço á minha irmã!

—Ahi vêm os «gajos»!

—Ahi vêm os «gajos»!

* * *

O «Azelha» tomou o seu logar com a bola aos pés. Um assobio e «chutou» para a direita. Os rapazes correm, chocam-se, insultam-se. Algumas pessoas que passam fogem apressadas. No largo vai uma gritaria infernal. De repente, zás!

—«Goal»!

Mas ao grito de triunfo sucedeu o ruido de vidros quebrados. A bola, atirada com força entrára por uma montra, e num segundo, toda aquela malta de garotos, atirando com a caixa para os hombros, tinha largado em carreira doida.

Sósinho, vendo os vidros estilhaçados, o «Azelha» coçava a cabeça, quando um moço lhe deitou fortemente a mão.

—Anda cá, meu menino que tens que pagar o vidro!

Chorando, a caixa da graxa a arrastar, lá foi agarrado por um braço para o posto do Nacional. O policia, levou a bola pendurada e de vez em quando dava-lhe com ela na cabeça:

—Anda lá para deante! Não ouves?

* * *

—O' graxa! O' graxa!

—E' «Azelha»! Então a bola?

—O' graxa! O' graxa!

E o «Azelha», coitado, n'aquela tarde chuvosa, teve de jogar á pancada duas vezes com o «Palhinhas» por causa das piadas que lhe diziam...

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

Eu nasci numa travessa socegada do bairro da Estrela.

Tenho ainda presente, nas recordações da minha primeira infancia, todo o pitoresco burguez da «familia do senhor Mesquita», que morava no primeiro andar, defronte, e tinha, á janela de sacada, no verão, um papagaio pelado e uma bilha de barro, d'agua fresca.

Era uma tranquila gente.

Chamavam-lhe os «sarnas»—e tinha sido o Fernandinho da tenda que lhes puzera a alcunha, por aquela mania de fazerem sempre o mesmo e de falarem baixo e a medo—tão baixo ás vezes que mal se entendiam. Mas, na realidade, era uma gente modesta e socegada, levando uma vida de trabalho exemplar, conquistando as migalhas de cada dia com evangelica persistencia—como bois de carga que levam um fardo pesado e sempre egual.

O pae era um homem miudinho, de oculos, pisco, meio curvado ao peso dum velho sobretudo com a vaga «patine» do café, cumprimentador afavel, punhos lavaveis e cilindricos, colarinho de borracha, meias solas e gaspias, muito escovado, a ver-se a ternura duma passagem muito bem dada a fortalecer os fundilhos. O sr. Mesquita era empregado na casa comercial dum grande proprietario de S. Tomé, cujos escriptorios a S. Nicolau, tinham o movimento duma direcção geral.

Havia do casal Mesquita um rapaz e uma menina.

O pequeno era um debil rapazote dos seus vinte anos, que estudava ás noites na Academia dos Amadores de Musica e de dia estava nos «Machadinhos fanqueiros» como caixeiro.

A rapariga era uma morena apagada, sardenta e seca, que—dizia-se, bordava muito bem a branco, tinha mau halito, e raro aparecia á janela, pela tarde, a assoprar o ferro com que engomava os bordados, que ia sempre, muito cedo, levar ás lojas.

A mãe era a unica que parecia saudavel, de forte braço arregaçado, arripiado o cabelo, a papeira gorda sobre o pescoço, vermelhaço e escuro.

* * *

Nessa manhã o sr. Mesquita entrou no escriptorio, como sempre, pontualmente ás dez. Tirou o casaco da rua, vestiu o outro velho, de cotim preto, sentou-se á banca, limpou os oculos á ponta do lenço e dispoz-se a trabalhar. Sobre a mesa estava porem um bilhete do chefe dos escriptorios que dizia assim:

Mesquita:

Queira ir, quando chegar, a casa do nosso patrão, senhor Thomé, para efeito que á vista saberá.

O chefe

José Joaquim

Que seria? O sr. Mesquita ergueu-se pressuroso, e muito digno, começou a envergar de novo o fato para seguir para o palacete da Rua Filipe Folque, onde o opulento Thomé constituira o seu espaventoso lar á custa de toda uma legião de pretos pacientes.

* * *

O caso era simples. O sr. Thomé costumava ir comprar todos os anos a Espanha o bilhete do Natal. Simplesmente este ano o reumatismo tinha-o ali na cama.

Escolhia o Mesquita para que fosse e se incumbisse da missão. E vieram algumas palavras sobre a seriedade do mais antigo e impecavel dos seus empregados.

—Eu para Espanha?

—Sim, você, Mesquita. Isso que tem? Tome V. cuidado não o roubem; olhe que a sorte de Espanha são setenta e oito mil contos portuguezes...

E como o homem ficasse perplexo e tremulo, Thomé, da cama, estendeu-lhe uma mão e a despedi-lo disse-lhe:

—Se m'os trouxer no bilhete que escolher—dou-lhe mil contos!

—Que mais quer? Habilita-se á sorte sem gastar nada!

Vamos, é arranjar as coisas para seguir amanhã no correio...

* * *

Foi um alvoroço em casa, e o sr. Mesquita não pregou olho toda a noite; uma aflição enorme lhe tomava o peito e o afogava com o peso das suas responsabilidades. Mas na tarde seguinte, com meio pão, uma perna de frango, a maleta, e uma caixa de roupa, o sr. Mesquita abalou para Espanha, com mil recomendações da mãe—a

Na tarde seguinte, com a maleta...

bôa D. Catarina—e lagrimas dos pequenos que foram á Estação.

* * *

Quando no pitoresco cambista da Plaza Canalejas o sr. Mesquita comprou em boas duas mil pesetas o seu bilhete de Espanha, não teve a menor preocupação na escolha e no palpite do numero. Foi a primeira coisa que o cambista lhe estendeu. Ele o que queria era despachar-se e ver-se livre. Nem uma vez, no seu cerebro pouco audacioso e incapaz de arriscar um ceitil

Dou-lhe mil contos!

ao jogo, tornou a passar a ideia dessa recompensa magnifica que lhe caberia se a sorte do «gordo» bafejasse o seu patrão Thomé.

Foi por isso que ao regressar a Lisboa, com os «barquillos» e um leque para a pequena, de recordação, o sr. Mesquita depositou o famoso papel nas mãos de José Joaquim, seu chefe, e nunca mais, cumprida essa missão que o aterrava pelas responsabilidades—pensou no caso do bilhete cujo numero nem sequer por mera curiosidade fixára um instante. Tranquilamente vestiu de novo a quinzena preta e começou a alinhar as cifras paradas naqueles seis dias de confusão e medo.

* * *

A historia desta boa gente Mesquita não cabe nesta magra novela.

Desde aquela manhã em que Thomé parou com a tipoia rica á porta da travessa para abraçar o Mesquita e dizer-lhe: «Cumpro o que prometi. Tens no Credit mil contos á ordem» até ao dia em que o Mesquita foi, sem acompanhamento a enterrar aos Prazeres—vai um romance, longo e tragico.

O que foi, projectada de chofre no seio dos Mesquitas aquela fortuna mortal não se descreve em duas linhas. Aquela vida modesta e socegada, simpatica e simples—feliz!—que passou a ser ridicula e espaventosa. Aquele rapazote magro e palido que apenas o trabalho sustentava de pé nesse saudavel equilibrio que dá o esgotamento de forças pelos musculos e não pelos nervos—foi o estroina terrivel que num ano, sob a crápula dos clubs, morreu podre e tuberculoso, como uma chaga triste.

E a rapariga que, mal preparada para uma vida de sociedade liberta e livre, escorrega com um homem sem escrupulos, que se casa pelo dinheiro e se divorcia logo que ele acaba.

E a mãe, que, na meno-pausa, surprehendida pela mudança completa da vida sofre esse caso vulgar da loucura afectiva, e é surprehendida, no proprio lar e pelo marido, em obsceno coloquio com um «chauffeur» alentado morre duma congestão renal seis meses depois, com o perdão do pobre velho de quem usara o nome.

* * *

E, então assiste-se a esta coisa estupenda e unica.

O sr. Mesquita que um miseravel ordenado mantivera toda a vida no sereno equilibrio duma quasi felicidade—envelhece, encarquilha, mingúa sofre, passa uma vida de privações banais e dolorosissimas tristezas—quando do mil contos, que ele não pediu, para os quais se não habilitou, que nunca quiz ter, que jamais considerou uma felicidade que lhe não pertencia—lhe caem em casa, com o seu peso bruto, como uma granada de oiro que fere, que revolve, que agita e que mata!

Por isso ele deixou escripto como unico legado de testamento, á filha que ficára abandonada e com uma creança no colo:

—Quero ir numa carreta da *Voz do Operario*, eu que pobre fui sempre, emquanto fui feliz.

A SORTE DE ESPANHA

Pagina de observação verdadeira onde se mostra, com interesse e acção, um caso de psicologia, curioso e humano.

VARIA

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 59

Por J. Harting (1.º premio 1925)

Pretas (6)

(Brancas (8)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 57

1 R 2 B D

Um bem bonito dois lances.

A chave dá duas casas de fuga ao Rei preto e ameaça D 4 C D mate.

Interessantes são as variantes 1... P 2 R 2 B 6 D mate apresentando um curioso exemplo de despregagem no mate, tema inventado por Jorge Guidelli e 1... P 4 R 2 B 3 R mate.

Resolveram os srs. Vicente Mendonça e Grupo Albicastrense.

Barreira de Sombra

PRAÇA DE ALGÉS

COM a assistencia de aficionados, imprensa e criticos taurinos, realisou-se no Domingo na Praça de Algés o 2.º espetaculo gratuito para prova pratica, com rezes bravas, dos mais distintos alunos das escolas de toureio dirigidas pelos profissionaes Agostinho Coelho e Antonio de Carvalho, coadjuvados por «Angelilo» e «Puntaret».

Esta optima iniciativa posta em pratica e bastamente auxiliada pelo empresario Segurado, constitue apenas novidade entre nós, quanto á verdadeira escola com rezes a valer, o que até aqui tem sido com tourinhas, pois que, em Hespanha desde epocas remotas, já o grande «Cuchares» e depois «Chicuelo», este contemporaneo dos colossaes toureiros-matadores «Frascuelo, Gordito, Lagartijo, Cara-Ancha, Guerrita» e outros, depois de retirados do toureio, iam dar lições da sua especialidade aos jovens aficionados que mais tarde deveriam ser grandes toureiros, isto para que em Hespanha se mantivesse o divertimento popular de velhissimas tradições.

Ainda no espetaculo de Domingo mostrou bastos conhecimentos de toureio e muita valentia o aluno Joaquim de Oliveira, que promete de futuro ser um otimo toureiro.

O pequeno toureiro Lafarque de 9 anos, passou admiravelmente de capote, arrancando bastantes aplausos da assistencia.

O amador Arnaldo Pereira, a cavalo simulando umas sortes, mostrou ser um distinto equitador, e o grupo de forcados amadores, composto de funcionarios superiores da Camara Municipal de Lisboa, completou o exito da festa que satisfez por completo os aficionados da tauromaquia.

ZÉPEDRO

SECÇÃO A CARGO DE ***REI-FERA***

(DA T. E.)

QUADRO DE HONRA

12 DECIFRAÇÕES (Todas)

EDIPO, ETIEL, CAMARÃO, JOFRALO, LHALHA, ROBUR, BISTRONÇO, HOFE, RAZALAS, (todos da T. E.), e A. D. MEIRA.

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 58

DEDICATORIAS:

REI-VAX, D. VASCO, LHALHA E BISTRONÇO, cumpriram a sua obrigação.

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

1—Sobrecopa, 2—Amago, 3—Aêdo, 4—Insensivel, 5—Sapeco, 6—Pedante, 7—Desestimado, 8—Portento, 9—Jalapa, 10—Abasmar, 11—Engarapar, 12—Queque, 13—Eleatas, 14—Passatempo, 15—Dinamarquez, 16—Com isto e um biscoito, até ás oito.

CHARADAS EM VERSO

(A Dropé, sem intenção de o maguar)

A «Materia» que me ofere
—Obra pouco delicada
e que sua não parece—
Não o honra, creia, nada.

Só de tolo ou de idiota,
De *perdido* ou de tarado—1
—Coisa que logo se nota—
Vir podia tal recado.

Então pensa que o «Cuitado»
Não foi *por mim* construida?—
Seu pensamento é errado,
Sua mente anda iludida!

Juro aqui *por* minha fé—1
Que o «Rei-Fera» não meteu
No assunto nunca o pé.
O trabalho é todo meu.

Creia que está enganado
No conceito em que me tem;
O meu trabalho é suado
Só por mim e mais ninguem.

Agora se porventura
Houve *bruxa* que lhe disse
Ess a mentira tão dura,
Só se foi por malandrice.

Lisboa — REI-VAX

[A alguem]

2 Como me quereis? Pobre *ou* milionario?—1
Rico extraordinario ou sem ter dinheiro?
Quereis-me assim obreiro, a viver do salario,
Que é ganho honrado e limpo dum dia inteiro.

Dizei-me depressa, vá! Como me quereis então?
Rico do coração ou do bolso e carteira?
Eu *lanço* a derradeira e breve inquirição—2,
Amas a alma sã ou a farta algibeira?

Preciso uma resposta p'ra socego meu.
Pede ao coração teu uma decisão seria.
Eu quero a sã miseria a que Deus me deu—
P'ra beijar-me a alma e massacrar o *materia*

Lisboa — LHALHA (Da T. E.)

(Retribuindo a Comarão a sua amago)

3 O Bebé fazia ha dias
Um berreiro insuportavel,
Passando a mãe arrelias
Para o tornar toleravel.

Querendo a mãe saber
A rasão de tanta bulha,
Perguntou-lhe, queres comer?
Não quero; responde o grulha—1

Então anda, vem comigo,
Tenho hque ir ao *tribunal*:—3
Eu não quero ir consigo
Não vou a bem nem a mal.

Então que queres? Vá, dis-me:
Porque estás chorar?

QUADRO DE DISTINÇÃO

10 DECIFRAÇÕES

P. J. M.

DECIFRADORES DO N.º 58

Com o teu *desleixo* afliges-me:
Que queres? Quero berrar!...

Lisbôa — LORD DA NOZES (da T.E.)

CHARADAS EM FRASE

(Á M...)

4 Recorda-te sempre do *ultimo* adeus de *um* coração *apaixonado!*—3 1

5 *Adopte* outro *modo* de falar e deixe-se de *conversar futilmente.*—2—1

6 Levou muita *pancada* aquele *senhor* por ser *velhaco*—2—1

Porto — JORAIFE (G. E. L.)

7 Comi uma *grande quantidade* de carne de *porco* por ser *astuto.*—1—2

Lisboa — ZIGOMAR

8 A *trave* com a força do *torrente* bateu no *padre* —2—2

Lisboa — PATO BIGAS, LIMITADA

9 A *fogueira* apagou-se porque veio *agora* um *aguaceiro acompanhado de vento.*—2—1

Lisboa — PATO BIGAS, LIMITADA

10 E' *grande* e *falto de vista* o *animal.*—1—2

Tortozendo — TEPF.

11 *Eu* fiquei bastante magoado, na *região lombar*; quando cai na *«embarcação»*,—2—1

Matosinhos — ARSENIO LUPIN (T. E.)

12 *Lá* está o bicho! Que *pena* que eu tenho de ele *ter asas!*—2—1

13 *Em* que estado te encontro! Não sou *merecedor* de possuir uma criatura tão *vil!* 1—2

Lisboa — ZEQUITOLES

14 *Busca, sem demora a lista*—2—2

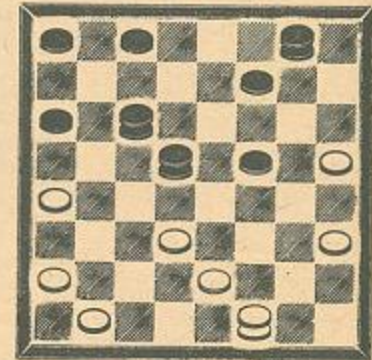
Lisboa — D. SIMPATICO (T. E.)

ENIGMA FIGURADO

Solução do problema n.º 58

	Brancas	Pretas
1	11-15	20-11
2	1-6	10-1 (D)
3	5-9	1-19-26
4	22-31 (D)	13-6-
5	31-20-2-13-31	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 59

Pretas 3 D e 5 p.

Brancas 1 D 7 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Resolveram o problema n.º 57 os Srs. Artur Santos Augusto Teixeira Marques, José Brandão, José Magno (Algés) Ratesvana (Cascaes), Sueiro da Silveira, Um oficial (Foz do Douro) e Vicente Mendonça.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Carlos Gomes (Bemfica).

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas.* Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

Varia

RESPOSTAS A CONSULTAS

S. MARÇO.—Boa e cultivada inteligencia, ideias elevadas, caracter simples, leal e bondoso (embora não pareça muito), ausencia total de vdidade, amor aos livros, espirito analitico e estudioso, independencia de caracter e de ideias, vida simples, trato afavel, orgulho e dignidade bem entendidos.

ASDRUBALTELIZARDO SELVAGEM.—Não me parece que possa dizer nada novo pois o sr. já leu mr. Michon—e creio tambem a Rochetal, etc... portanto deve ter analisado a sua letra pois é a primeira coisa que a gente faz quando começa a interessar-se pela grafologia, mas se quer a minha analise aqui a tem:

Boa força de vontade, um tanto dedicado e fraco para os afectos «magre soi même», nervoso, inteligente mas fatigando-se depressa quando estuda, memoria explendida que já foi melhor, energia espiritual, curiosidade, intermitencias de caracter. Vaidade intima, generosidade muito bem entendida; e... tendo admiração pela leadade e elogiando-a de palavra... ás vezes... não é tão leal como devia ser... Conforma-se? Agradeci a resposta.

LAURA.—Não tenho oticias da sua carta portanto perdeu-se. Queira escrever outra vez.

X 13.—Não chegou ás minhas mãos.

GINA.—Força de vontade paciente e reflectida, economica, ordenada, um tanto religiosa sem exagero, bom gosto, amor aos livros, pouca vaidade, sentimento do dever, ideias largas e compreendida perdoa tudo... boa memoria e coração fraco.

X. X. X.—Caracter impulsivo e energico, nervos fortissimos, mau diplomata apesar de o querer ser, valente, leal, generoso... Bastante orgulho intimo de si proprio, vontade forte mas pouco constante, um tanto mentiroso sem consequencia.

ZITAFE.—Orgulho e vaidade, inteligencia pouco cultivada, ordem e aceio, generosidade, amor á leitura de romances «bonitos», vontade que parece firme mas que não o é, muda constantemente e só é energico quando se trata de um seu capricho, um tanto religiosa e supersticiosa.

ALFA.—Força de vontade, boa disposição para o trabalho, bom gosto, generosidade bem entendida, amor á dança, boa memoria, curiosidade, lealdade e constancia.

NATERCIA.—Diplomacia, mau caracter, talvez causado por desequilibrios nervosos, energia moral, inteligencia intuitiva, graça, vivacidade, desordem, má memoria, caracter ligeiramente ironico, muita vaidade intima que na aparencia não tem, padece de dores de cabeça.

MINON.—Mais esperto do que inteligente, um tanto otinario, ordenado... metodico... egoista..., lê muito, mas nunca está de acordo com o que lê nem admira nada em ninguem, reservado, com muita habilidade manual, gosta de versos bem rimados, administra-se bem em tudo.

LYS.—Não se pode deixar de ter uma opinião favoravel de quem, como você, tem graça no espirito agil e inteligente, bom gosto artistico, sentimento e alma de artista... caracter leal com pouca vaidade e só tem o orgulho que toda a pessoa consciente deve ter de si propria, (na minha opinião o orgulho e a ambição são qualidades, não defeitos, mas só quando são albergados numa alma bôa e um coração leal), concordo com os outros?

NOTETTE.—Caracter impulsivo, dedicado, boa memoria, inteligencia assimilavel, boa disposição de espirito, equilibrio moral, cuidadosa nos detalhes e amante da estetica, lealdade, generosidade bem entendida, pouco mudavel nas ideias, sentimento de poesia, espirito um tanto sonhador, mas facilmente volta á realidade, nervos bem dominados, franqueza.

MARQUEZ OEZ.—Temperamento impulsivo e excessivamente nervoso e um pouco destrambelhado, facilmente irrascivel e facilmente brando, inteligente, mas com pouca força de vontade, pletórico em palavras e parco nos factos, leal com os amigos.

VIOLETA DE PARMA.—Força de vontade, impaciente, vaidade, mundanismo, bom gosto para imitar... as originalidades dos outros, habilidade manual, nervos bem dominados, trato afavel, generosidade bem entendida, amor aos livros e ás flores.

ROIZ (LIZ).—¡Eu peço pouco! ¡Seis linhas apenas!, mas com duas e meia e sem assignatura... não posso, queira escrever mais. (Não é preciso dinheiro).

SCALABITANA.—Temperamento impulsivo e sonhador, bom coração, um tanto religiosa, inteligencia pouco cultivada, amor á mentira sem consequencias, vaidade feminina, sensualidade forte, bôa memoria, amor ás bonecas, pouca ou nenhuma paciencia.

UM EXTREMENHO.—Grande imaginação, generosidade, ideias independentes, nervos e vontade muito mal dominados, inteligencia para tudo e energia para nada, ordem nos objectos, pouca vaidade, habilidade manual, idealismos, sentimento de poesia, curiosidade, amor á mentira.

JONATHAS.—Temperamento em que todas as paixões se acentuam, energico, ambicioso, sensual, ciumento, orgulhoso... Muito inteligente e muito artista.

MANOEL BRAGA.—Se o seu caracter não fosse bem definido não me responsabilisava, pois eu peço pelo menos 6 linhas e o senhor não as mandou, mas como não quero que respondendo aos seus amigos não veja tambem a sua resposta, vá, lá: Ordenado... metodico, asseadissimo, um tanto vaidoso, é leal e franco, bom coração e uma bondade dignas de uma creança.

GAGO II.—Caracter impulsivo, com muitas ideias e muita imaginação, generoso até á prodigalidade, apaixonado e falador, mais intuitivo que inteligente sabe as coisas, que sabe, por que sim...! por arte e graça de Deus, por que paciencia para estudar... isso sim! e é melhor falar e discutir com amigos, hein? sobre tudo discutir, valente, um tanto poeta (de versos rapidos e ironicos) orgulhoso e vaidoso.

MIUDINHO.—Muitos pontos de contacto com Gago II; serve o mesmo grafismo.

DAMA ERRANTE

Muito importante.—São ás desenas as consultas que recebo todos os dias. Devido ao limite do espaço, não posso responder a todas as cartas tão rapidamente como desejam os consulentes. As cartas são numeradas pela sua ordem de recepção e as respostas seguem essa mesma ordem.

Peço por isso aos meus clientes um pouco de calma e paciencia...

Tambem rogo o favor de não me mandarem consultas escritas a lapis porque de nada me servem.

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

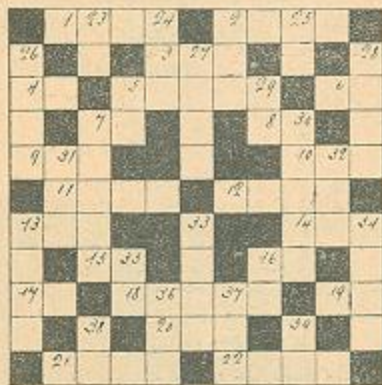
Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—«*A DAMA ERRANTE*».

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

Secção dirigida por LUIZ TROVÃO

QUADRO DE DECIFRADORES

É DE PINHO, HOFESINHO, JOFRALINHO, LIMA CHARADAS, MANOEL JOAQUIM DUARTE (AULEDO).

Campeões do n.º 58

HORISONTAIS:—1—Adem, 2—Fragil, 3—Pouco, 4—Modo, 5—Martirisar, 6—Muar, 7—Motivo, 8—Mais, 9—Regra, 10—Seculo, 11—Barco, 12—Movel, 13—Quantidade, 14—Entre, 15—Multidão, 16—Rio de Italia, 17—Parte do navio, 18—Nome de mulher, 19—Dó.

VERTICAIS:—2—Vamos! 5—Parte do navio, 7—Manada, 13—Ave, 16—Medida, 23—(ant.) Aza, 24—Ave pernalta, 25—Criminosa, 26—Deus dos phenicios, 27—Nome de mulher, 28—Orificio, 29—Deus, 30—Imaculado; 31—Epoca, 32—Oco, 33—(ant.) Cair, 34—Nome de mulher, 35—Nota de musica, 36—Tor ente, 37—Recuza, 38 Destruir, 39—Carta.

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

HORISONTAIS:—1—Sá, 2—Ar, 3—Vê, 4—E, 5—Lá, 6—Ala, 7—Ali, 8—Dia, 9—És, 10—Lais, 11—Gamo, 12—Se, 13—LG, 14 GE, 15—AU, 16—Ht, 17—Rã, 18—Ir, 19—De, 20—Ló, 21—Em, 22—HN, 23—Ae, 24—OO, 25—Agradecidamente, 26—Carlota, 27—ADOFARÁ, 28—Oi, 29—EO, 30—Am, 31—Es, 32—Mó, 33—Ló, 34—Ar, 35—As, 36—RV, 37—Já, 38—a, 39—Cá, 40—Irei, 41—Az, 42—Am, 43—NDRA, 44—Rond, 45—Ia, 46—Nó, 47—Caim, 48—Ilda, 49—MG, 50—Ar, 51—Irmã, 52—Lord, 53—Ea, 54—Lá, 55—Aver, 56—OSEE, 57—Será.

VERTICAIS:—1—Savel, 6—As, 7—As, 8—Dó 9—Literataco, 30—Ama 36—Rendre, 37—Jaime, 38—Banal, 58—Areia, 59—Al, 60—IG, 61—As, 62—Alardeado, 63—Igualmente, 64—Aguilhoada, 65—Metronomo, 66—Escamotear, 67—Sol, 68—Ave, 69—Lua, 70—Os, 71—RRO, 72—Alimentividade, 73—Cá, 74—Dá, 75—Efervescencias, 76—Não, 77—TR, 78—Festa, 79—Amor, 80—Zela, 81—Feliz, 82—Sós, 83—Cirilo, 84—Azaga, 85—Amora, 86—Adarve, 87—Camará, 88—Rolos, 89—Rimer.

A Ex.ma Senhora Dona Tereza Leitão de Barros, tem com certeza, muitas mais coisas em que empregue melhor o seu tempo do que a criticar livros humoristicos. Por essa razão, e ainda porque não quero de modo algum, desmerecer o provavel conceito simpatico em que me tem a ilustre escritora, faço eu proprio a critica do livro O CEGO DA BOA-VISTA.

Henrique Roldão, espirito raro de humorista, talento scintilante da observação e do bom humor, temperamento rebelde a reverencias, e que, em prol das letras nacionaes, conta já com uma bagagem onde não falta inteligencia e raras qualidades de estilo, acaba de lançar a publico um belo livro de contos-comicos a que poz o engradissimo titulo *O cego da Boa-Vista*, que é uma bela *trouvaille* de bom espirito e onde se esconde uma talentosa coleção de gargalhadas sadias e bemfazejas, a par de golpes curiosissimos de detalhes, observação e analise critica.

O ilustre comediografo que as nossas plateias aplaudem tão justamente, que é, dentro do teatro alegre um real valor com que se pode sempre contar, que ao jornalismo tem trazido com raro brilho fulgurações enormes do seu belo talento, dá-nos na elegante brochura que conta perto de duzentas paginas, extraordinarias pinceladas de riso franco, claro, ch io de luz e alegria. O belo conto: «A verdade acerca do pecado original» é do melhor que se faz em todos os paizes onde a escrita do bom humor tem a primeira categoria das letras, o episodio «O homem dos oculos verdes» marca como modelar no genero e, nas primeiras paginas, aquelas que dão o nome ao livro, ha uma ideia de grande elevação artistica, disposta n'uma airosa maneira de franco espirito.

Se o nome de Henrique Roldão, já de ha muito não estivesse firmado como um dos grandes valores da moderna geração, nome que em qualquer paiz de maior monta, gosaria uma reputação mundial, o seu ultimo trabalho, faria, de uma forma definitiva, absoluta, a sua consagração como artista na mais dificil arte de escrever.

O Cego da Boa-Vista, n'esta epoca de livros de versos, é uma afirmação que nos faz acreditar no resurgimento das boas-letras portuguezas e assim, falar d'esse trabalho, é elevar um hino patriotico, é ter fé, é acreditar que na nossa terra existem valores inconfundiveis, enormes.

Ler o belo livro é uma obrigação que se impõe, não só aos tristes e misantropos como a todos os portuguezes, tanto mais que o seu custo de sete mil e quinhentos, é uma maneira pratica de o conseguir.

Eis aqui o que a amabilidade da Ex.ma Senhora Dona Tereza Leitão de Barros diria do meu livro. Que me perdôe a inteligente senhora o ter-me adiantado...

HENRIQUE ROLDÃO

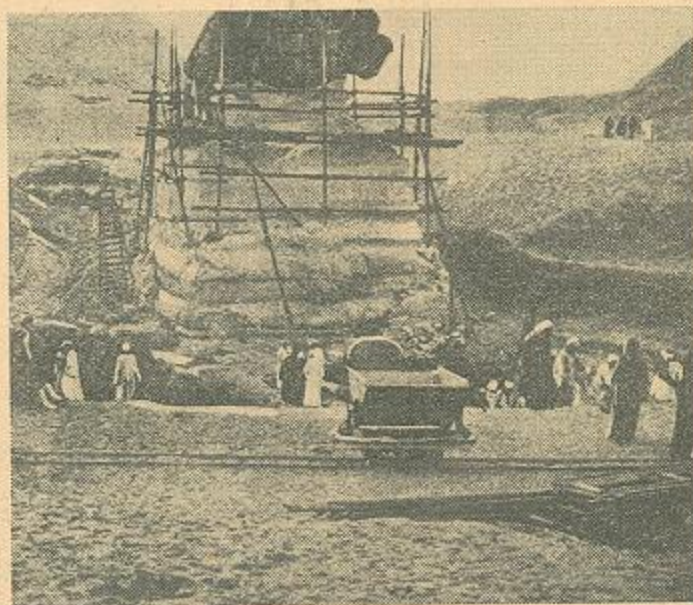
Alguns investigadores á força de conviverem e de se familiarisarem com a arte antiga, adquiriam realmente uma brutalidade medieval das suas expres sões.

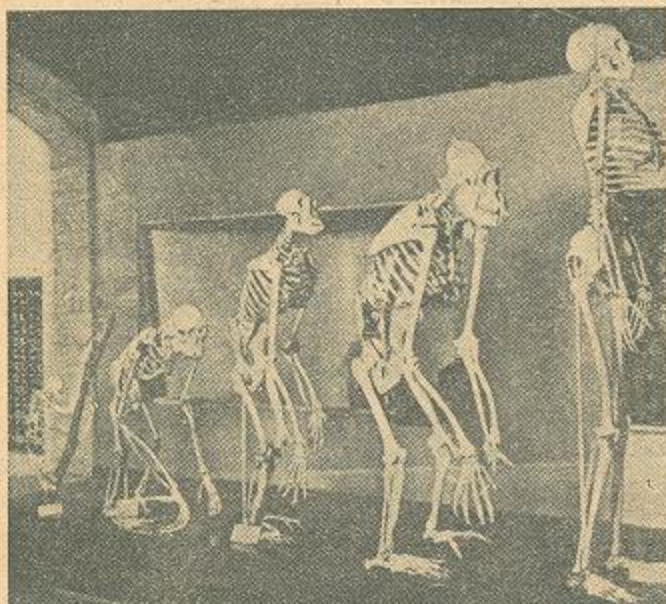
Actualidades gráficas

O RESSURGIR DA ESFINGE

O governo egipcio está levando a cabo uma grande obra de resurgimento. Dia e noite uma grande multidão de operarios remove as enormes dunas de areia que ha seculos vêm sepultando a misteriosa Esfinge dos Faraós. O trabalho está sendo conduzido por peritos que procuram atenuar os estragos que cinco mil anos de existencia causaram no gigantesco monumento.

O FASTIO DA CIVILISAÇÃO

Miss Vera Pragnell, filha solteira do milionario George Pragnell, fundadora de um retiro no condado de Sussex (Inglaterra) que se destina a todas as mulheres que queiram levar uma vida tranquila, fóra do bulicio das cidades... e dos galanteios dos homens...

UM HOMEM TRANQUILO

Frank Bornhofer, não é um homem de barba forte e boné de pelo, é apenas... um homem que mostra um lindo enxame de abelhas tranquilas que escolheram a sua pele para morada... No entanto, seria dificil encontrar outro homem que lhe quizesse estar na pele...

COMO SE ENDIREITOU O HOMEM?

Curiosa coleção de esqueletos de um museu americano e que pretende demonstrar como o homem atravez as teorias Darwinianas chegou á posição vertical.

EM NOME DA PAZ

Formidavel peça de artilharia do forte Tilden e que é simplesmente o maior canhão do mundo. As suas granadas de sessenta centimetros, pezam apenas mil e duzentos quilos...

Publicidade

O transporte rapido e economico deve-se á

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

A INICIADORA DO TAXI EM PORTUGAL

TAXIS CITROËN

(DE PALHINHA)

O Taxi preferido pelo publico

SERVIÇO PERMANENTE DE DIA E DE NOITE

PEDIDOS PELOS TELEFONES **N. 5521 e N. 5528**

Escritorio e Garage:

RUA ALMIRANTE BARROSO, 21 — LISBOA

RICARDO PIRES & C.ª

LISBOA
Rua da Gloria, 72, 1.º Dt.º
Endereço telegrafico: AMENDOENSE

AFRICA
LOANDA — Caixa Postal 338
Endereço telegrafico: TABACOS SILVARES

PROPRIETARIOS DA

Empreza dos Tabacos de Angola

FABRICO MECANICO APERFEIÇOADO DE PICADO, CIGARROS E CHARUTOS

IMPORTADORES EXPORTADORES

Serralharia Mecanica

SOCIETARIOS DE: Elias & Pires Ltd.ª em Lucala, com filiais de permuta nas regiões de café — Sociedade Agricola e Industrial de Camonca, Ltd.ª (Agricultura) — Empreza Pecuaria do Rio Tapado Ltd.ª no Lobito e Egipto (Creação de gado e palmeiras) — Machado & Ricardo nos Selles (Cultura de Palmares)

RECOMENDAMOS

A

ALFAIATARIA

RIBEIRO DA COSTA

NA

RUA DE SANTA JUSTA, 45, 1.º

LISBOA

UM LIVRO

A Historia de Gôa

Pelo Padre Gabriel de Saldanha

TODOS OS QUE DESCONHECEM E TODOS OS QUE CONHECEM A

India Portugueza

O DEVEM LÊR

1 grosso volume de 420 paginas **24$50**

Pedidos á casa Editora: LIVRARIA COELHO NOVA GOA

EM LISBOA: AILLAUD LIMITADA, 73 Rua Garrett

Joalharia do Carmo

JOIAS E PRATAS ARTISTICAS
PRESENTES
PARA
ANIVERSARIOS E CASAMENTOS

SEDE NO PORTO

RUA 31 DE JANEIRO, 53

Tele { gramas: AUREARTE
{ fone: 1160

FILIAL EM LISBOA

RUA DO CARMO, 87-B

Tele { gramas: AUREARTE
{ fone: N. 1360

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

TINTAS DE AGUA

Calcarium

Para paredes, dando a verdadeira ilusão de papel. Lavaveis e higienicas. Mais economicas e artisticas que o fôrro de papel ou tintas d'oleo.

Bénard Guedes, L.da

R. do Crucifixo, 75, 3.º

TELEFONE C. 1447

Sapataria Felix

LIMITADA

AS ULTIMAS NOVIDADES
EM
CALÇADO DE SENHORA
E SEMPRE
MODELOS NOVOS
EM
CALÇADO DE CREANÇA

LISBOA
RUA AUGUSTA
281-285

Lion em Lisboa

RUA AUGUSTA, 259 a 261

TELEFONE N.º 2373

Casa especialisada em sedas, veludos, peluches, astrakans, sombrinhas e outros artigos de alta novidade para senhora, sob a direcção tecnica de Manuel Cardoso, ex-gerente da secção de confecções da Casa Africana.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

ENVIAM-SE AMOSTRAS

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC.—
TRIMESTRE — 12 ESC.—

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

As garras do tifo sobre Lisbôa

E' preciso defender a população lisboeta da epidemia que grassa, e que é já um perigo eminente. As autoridades sanitarias que num comodismo criminoso têm abandonado a saude publica, têm de intervir energicamente.

LER DENTRO:
Interessantissima novela de Henrique Roldão, "O Ó GRAXA SPORT-CLUB".